



## Santo Antônio Além do Carmo

Matilde MATOS

Para o que vem de fora, ou mesmo para quem vive aqui, é muito bom passar por Sto. Antônio e descansar os olhos em tudo que ele tem. Mas como se sentem os moradores deste bairro tombado que faz parte do nosso Patrimônio Histórico?

Os moradores têm suas queixas: 1) as ruas são muito estreitas e já há carros demais, que ficam sobre os passeios porque aquelas casas antigas também não tinham garagem; 2) já que não se pode meter nas Fachadas das casas tombadas, que pelo menos fossem mais cuidadas; 3) há umas igrejas no bairro, bonitas e imponentes, caíndo aos pedaços. No mais, da dona de casa ao guarda da Detenção, dos brotos prà frente aos moradores mais antigos, do advogado ao sapateiro, todos se sentem muito orgulhosos de seu bairro pertencer ao Patrimônio, nome que volta e meia surge nas suas conversas.

A reclamação maior mesmo de todos, sem exceção, é sobre transporte. Por incrível que pareça, Sto. Antônio não tem uma única linha de ônibus ou lotação. Os de lá vivem sujeitos aos transportes do Barbalho, se quiserem andar até lá, da Liberdade, que só passam cheios, ou então nos táxis. Depois do transporte, também se queixam das maricocas e maruins que tomaram conta do bairro. Daí em diante são só elogios. Bairro de classe média, clima bom, central, gente muito boa, pucata e religiosa.

O Sto. Antônio hoje está em festa. Quem não foi à missa de manhã irá à procissão à tarde ou ao Largo à noite, para festejar o santo, que seus moradores são antes de mais nada profundamente católicos. A procissão com a imagem de Sto. Antônio, Irmandades e Associações da Paróquia, é muito concorrida. Também a igreja vive cheia e há muita comunhão. Quem afirma é Aurelina Cruz e sabe o que diz porque "cuido do altar dele há 35 anos e moro aqui no Largo há 51". Sabe tudo que se relacione à igreja, e explica as Trezenas (de 1.º a 13 de junho) com os mordomos encarregados por cada noite, cada um se esmerando mais na decoração da igreja. "Este ano a da Profa. Marieta Passos ficou tão bonita que não tive coragem de desmanchar". Explica ainda como a igreja e a Irmandade colaboraram na vida do bairro, dis-

tribuindo gêneros e dinheiro aos pobres toda terça-feira, além de promover as festas religiosas. A pessoa mais mencionada no bairro é o Pe. Diderot Almeida. O juiz da Irmandade é Cristóvão Ferreira e João Santos e Umberto Cunha são tesoureiro e secretário, todos muito ocupados, mas que nas suas horas de folga cooperam com este trabalho em favor de outros moradores.

Um outro aspecto deste bairro de classe média que impressiona aos de fora é o sentimento de amizade que há entre elas. "É uma família só que mora aqui" diz Ulisses Lopes, que teve sapataria no Largo durante 10 anos mas há três resolveu mudar de ramo. "Aqui tem muita festa e sempre em festa tem que ter comida e bebida, foi esse o motivo que modifiquei". Hoje tem um restaurante e bar numa esquina do Largo, e o que tem de pequeno tem de procurado. Quem cozinha é sua esposa Edith, dona dos segredos da muqueca de arraia, feijoada, sarapatel, galinha de xinxim e tantos outros pratos da mágica cozinha baiana. "Todos gabam bastante, eu não posso dizer nada porque sou o dono, mas tem frequentes certos que vêm de longe comer aqui, como o Dr. Ulisses e esposa, lá da Barra, e a família do finado Perroni. Quanto às famílias tradicionais daqui meano eu posso dizer que todos (Dr. Fernando Jorge, Dr. Dalvo, Dr. Adalberto, Dr. Walter Pessoa, Roberto Pessôa, Benerval, Ronaldo), vêm em busca do mocotó, da muqueca, da feijoada, sempre às sextas e sábados. Nos outros dias da semana só tem tira-gostos".

Os brotos prà frente Armando Teixeira de Freitas (neto de Teixeira de Freitas que deu nome ao ginásio onde ele estuda, que segundo ele "faz uns negócios ai mas eu não sei o que foi não, acho que umas estatísticas, lá em casa é que sabem"), Raymundo Lyra e Celso Andrade são categóricos: "É o melhor bairro da Bahia, perto de tudo, central, animado" e contam como se divertem lá os de sua idade "De noite quando a gente não sai pra namorar, fica aqui batendo papo ou fazemos brincadeiras nas casas. De dia jogamos bola no campo da Penitenciária, os guardas tudo legal, os presos são bon gente, dia de sábado de manhã eles batem bola com a gente. No do-

mingo todo mundo aqui vai pra missa por causa do padre, aqui é tudo religioso fanático. As festas maiores são a do Imperador e a de Sto. Antônio, com procissão, iluminação e fogos. O melhor são as festas nas casas, como o caruru do "Sé" Fanei que é famoso na bebida demais e comida demais, de todos os tipos. A porta fica aberta o tempo todo para quem quiser ir lá. Há também o Clube dos Corujas, o maior bloco carnavalesco em alegria, fantasia e quantidade de pessoas. Os organizadores dos Corujas são Hamilton e Haroldo Ribeiro e Ferlândio Lyra. Há quatro turmas aqui no bairro, não tem rixa mas a turma do Carmo não vem aqui agora quando tem uma confusãozinha com bairro diferente, se uneem todos".

Acham que o que faz falta mesmo ali é um clube com uma piscina tranquila pra não ter que sair daqui e ir lá na Associação. Nasceram no bairro e o fato do seu aspecto não mudar nunca não os incomoda porque "em certo ponto o antigo ganha, se for um velho bem conservado". Dizem também que a rua principal é muito estreita, muito cheia de carros e alguns que dirigem "tiram onda de maluco e há acidente todo dia, mas é uma rua legal, todo mundo é amigo".

D. Bernadete Dias: "Já gostei mais do bairro porque a pior coisa do mundo é falta de transporte, estamos sempre sujeitos ou a viajar em pé ou ficar uma eternidade no ponto. Dizem que não tem solução. Quando Heitor (seu marido) foi Prefeito, tentou colocar uma linha aqui, mas não conseguiu. No mais o bairro é bom, gente boa, todos são amigos. Moro junto mesmo à Casa de Detenção e mesmo o pessoal de lá nunca nos incomodou, são muito bons vizinhos".

D. Olinda Almeida Jorge, que mora na Ladeira do Baltar, numa casa irresistível pela localização, pelo aspecto, pelo mundo calmo que nos sugere, diz que "Neves da Rocha quando era Prefeito calçou Águia Branca e Baltar, depois nada mais se fez por Sto. Antônio". Queixa-se das maricocas, como os demais, e da falta de transporte. Moro lá há 37 anos e diz que "está hoje tal e qual eu o encontrei". Mas acha bonito.

Guilherme da Rocha Fonsêca e Maria de Lúrcia Targino Pereira, diretora e vice do Marquês de Abrantes, elogiam o bairro e falam de como o Museu do Carmo influiu na vida do Sto. Antônio, "trazendo cultura, atraindo turistas. Nós mesmas levamos nossos alunos até lá e os outros colégios, também. Durante o tempo das bienais, o movimento aqui era enorme e os jovens se interessavam muito pelas manifestações da arte moderna que vieram lá".